

## FACETAS DE INTERPRETAÇÃO NA ÁFRICA DO SUL

Clarissa Surek-Clark  
clarissa@dark.prserv.net

Aqui nas Américas, nós intérpretes estamos acostumados com o ambiente bilingüe de inglês-português ou eventos nos quais há intérpretes para, no máximo, uma meia dúzia de idiomas. Recebemos as datas e o assunto do trabalho com antecedência, geralmente sabemos quantas pessoas necessitarão de nossos serviços, nosso trabalho não é necessariamente gravado, transcrito e publicado na Internet e, na minha experiência, são raros os trabalhos que me deixaram como brinde seqüelas psicológicas.

Em sociedades realmente multilíngües como a África do Sul, a realidade dos profissionais de interpretação aparenta ser bastante diferente da nossa. Apesar de a maioria da população falar uma língua bantu originária do continente, duas línguas predominaram nos tribunais e em assuntos comerciais durante grande parte deste século: o africanês e o inglês, respectivamente. Uma das diretrizes do sistema de *apartheid* vigente no país após 1948 ditava que os africanos (neste sistema, pessoas de tez negra nativas da África) deveriam ser instruídos em suas línguas-mãe, com acesso limitado às duas línguas oficiais. Na nova África do Sul pós-*apartheid*, há o legítimo interesse por parte do governo de fazer com que os principais grupos étnicos e lingüísticos sejam incluídos na nova república e, por isso, são 11 os idiomas oficiais nos quais todos os aspectos da vida civil podem ser exercidos, com garantia constitucional para tanto.

Devido a tais circunstâncias, acompanhei com forte interesse a criação e o desenrolar das audiências da Comissão de Reconciliação e Verdade, encabeçada pelo arcebispo Desmond Tutu. A Comissão utiliza o conceito de *Ubuntu* ("people are people through other people") dando acesso a uma nova identidade aos sul-africanos, independente da cor de sua pele. Nas palavras de Dullah Omar, ex-ministro da justiça sul-africana, "...a commission is a necessary exercise to enable South Africans to come to terms with their past on a morally accepted basis and to advance the cause of reconciliation."<sup>1</sup> Esta Comissão, "estabelecida em 1995, recebeu três tarefas: ouvir todos que pretenciosamente cometeram uma grande violação dos direitos humanos, tanto nas mãos do governo anterior como nas mãos dos libertadores; receber requerimentos daqueles que cometeram violações, na expectativa de anistia para as confissões; e oferecer recuperação adequada às vítimas."<sup>2</sup>

Uma das maneiras de proporcionar dignidade às pessoas chamadas a comparecer perante a Comissão e de oferecer um senso de igualdade entre todos os participantes, independente de eles serem membros da mesma, testemunhas, réus ou vítimas, foi através da oferta da livre escolha do idioma a ser utilizado durante o seu testemunho.

Depois de anos de repressão (inclusive lingüística), os participantes poderiam contar as suas histórias pessoais na língua que preferissem. A jornalista Antjie Krog bem expressa o objetivo da Comissão: "as narrativas por si só são suficientes para justificar a existência da Comissão da Verdade. Devido a essas narrativas, as pessoas não podem mais deliciar-se em suas dinastias distintas de denegação."<sup>3</sup>

Porém, houve a preocupação por parte da imprensa local de que algumas das línguas bantu não contassem com o vocabulário necessário para noticiar as audiências ao público. A solução encontrada foi inventar novas palavras, como os exemplos criados para zulu<sup>4</sup>:

Ambush: *lalela unyendale* - lying down waiting to do an evil act  
Hit squad: *abasocongí* - neck-twisters  
Massacre: *isibhicongo* - crushed down  
Politics: *ezombusazwe* - matters about the ruling of the land  
Right-winger: *untamo-lukhuni* - stiff-necked  
Serial killer: *umbulali onequngu* - addicted killer

*Continua na pág. 5*

### Nesta edição:

Y2K – TI .....	6-9
O ergonomicamente correto .....	9
O "não" como estilo .....	10
Eventos Profissionais .....	11
A Interpretação Judiciária .....	12
What's in a Language? .....	14



## PLD

### Administrador

Timothy Yuan

Tel: (718) 776-8139 Fax: (718) 776-3589  
yuan@pipeline.com

### Vice-administrador

César Tavares

Tel: (941) 643-9254 Fax: (941) 643-9256  
ctavares@naplesnet.com

### Tesoureira

Donna Sandin

Tel: (703) 742-6678 Fax: (703) 742-4091  
dsandin@erols.com

### Secretária

Maria Elisa Teague

Tel: (215) 542-2413 Fax: (215) 591-0989  
meteague@bellatlantic.net

## PL Data

### Editora

Vera Abreu

Tel: (408) 266-5832 Fax: (408) 266-5892  
veraa@mindspring.com

### Diagramação

Galina Raff

### Prova Final desta edição

Marcia Loureiro

O **PL Data** é uma publicação trimestral com edições em: março, junho, setembro e dezembro.

As opiniões aqui contidas pertencem exclusivamente aos seus autores.

Os artigos submetidos se tornam propriedade do **PL Data** e podem estar sujeitos a alterações.

Artigos para publicação podem ser enviados por fax ou e-mail à editora no endereço acima.

A assinatura é gratuita aos membros da Divisão.

Não associados: US\$10.00 por ano. Informações com a editora.

A Divisão da Língua Portuguesa é uma organização sem fins lucrativos e uma divisão da

### American Translators Association

225 Reinekers Lane, Suite 590,  
Alexandria, VA 22314

Tel: (703) 683-6100 Fax: (703) 683-6122  
<http://www.atanet.org>

### Especificações e preços de anúncios:

Página inteira (7,5 pol. x 9,75 pol.) = US\$100

Meia página (7,5 pol. x 4,87 pol.) = US\$75

¼ de página (4,75 pol. x 4,87 pol.) = US\$50

Cartão de visita (9 pol. x 6 pol.) = US\$12

Entre em contato com a Editora e envie cheques nominiais à ATA.

## Colcha de Retalhos

Esta é a nossa última edição antes do congresso promovido pela ATA em St. Louis, em novembro. Quem vai ao congresso encontra os colegas, amigos, clientes e participa do burburinho emocionante das salas de seminários. Nos salões do hotel, entre cheiros de perfume e hálitos de café, há trocas de idéias, sorrisos, gargalhadas e abraços. O dia é intenso, agitado, bem diferente do silêncio do nosso trabalho cotidiano. Para quem não vai, fica o consolo do PLData de dezembro com artigos descrevendo o encontro e suas novidades.

Enquanto a conferência não chega, publicamos esta edição com a interpretação sendo o assunto forte, marcante. Nos lugares mais longínquos, desde a África até uma corte municipal local, o intérprete está lá, mediando, comunicando, pensando, suando (!) e, muitas vezes, sofrendo junto com o cliente, visitante, réu ou vítima. O papel do intérprete é multifacetado; ele é um instrumento social, presente e ausente ao mesmo tempo.

\*\*\*

Em uma visita recente a São Paulo, encontrei por acaso uma revista que me chamou a atenção e parece ser relativamente nova no mercado. Nela, um artigo muito curioso sobre o uso da língua portuguesa e uma comparação da nossa língua com o alemão, inglês e latim. Para nós, tradutores, a língua é instrumento – mesmo sendo usada profanamente no cotidiano, é preciso que nos dediquemos mais ao seu estudo, por ser ela o elemento principal de nosso trabalho. A revista se chama *Bravo!*, e o artigo, publicado nesta edição, é muito interessante. E, nossa! A autorização do editor da revista para publicação do artigo foi meteórica, quase no mesmo instante com o uso de e-mail! Glorioso esse nosso século de informatização, não acham?

Aliás, nada mais propício para nós do que falar sobre o uso da língua portuguesa neste mar de globalização no qual navegamos. O artigo "*What's in a language?*", do Falcão, ilustra de maneira objetiva como anda o espanhol em relação ao português e tira conclusões interessantes. Este é um assunto sobre o qual nem todos possuem opiniões formadas e, por isso, fica aqui o convite para uma troca de idéias. Escreva e envie a sua opinião.



Nessa edição fazemos também uma visita ao congresso ocorrido em São Paulo, no início de julho, via Tereza Braga e Donna Sandin. Excelentes artigos e descrições. Parece até que somos transportados para o auditório da Fundação Getúlio Vargas!

Aqui também se encerra a série de artigos sobre a L.E.R. enviados pela Thelma Sabim - segunda e última parte.

Esta edição foi produzida com muita suavidade. Vários autores, desta vez, ofereceram seus artigos para publicação. Não precisei correr atrás de colegas implorando uma contribuição. Foi compensador, empolgante até! Um abraço enorme a todos vocês, autores queridos. Estão de parabéns. Para que os leitores os conheçam um pouco melhor, estaremos colocando uma pequena biografia do autor logo após cada artigo.

\*\*\*

Você mora nos EUA? Tem trabalhado menos? Eu também. Será que é porque estamos em férias de verão nos EUA ou a crise do Brasil anda repercutindo por aqui, ou mesmo porque os preços de lá estão mais baixos que os preços daqui? Um pouco de tudo isso, já sei. É hora de abrir os horizontes. Limpar a mesa, as gavetas e a mente. É hora de se pensar em mudanças – radicais ou não. Também é hora de apostar em uma campanha de marketing de seu trabalho como tradutor ou intérprete. Um dos meios eficazes e econômicos de se fazer isso é tornar seu nome conhecido. Saia da toca, apareça! Estude, pesquise, escreva algo, publique seu artigo. Principalmente porque agora você tem tempo. Quase 400 pessoas recebem o PLData, nos lugares mais interessantes: EUA, Brasil, Portugal, Holanda, Inglaterra, México, Argentina, Porto Rico e Canadá. Apareça e cresça!

Um abraço!

## Novos rumos

Tim Yuan

yuan@pipeline.com

Já faz quase dois anos que César, Donna, eu, Lourdes inicialmente e depois Maria Elisa, assumimos a administração da PLD. Vocês têm acompanhado nossas realizações durante esse período. Estamos física e psicologicamente cansados. O mais desgastante certamente foram as escaramuças políticas, as divergências de opinião com vários colegas queridos. Mas nos sentimos orgulhosos dos avanços da divisão durante esses dois anos, especialmente de termos desbravado as tempestades políticas sem tirar as mãos do leme e sem perder o rumo, e de termos tratado a todos com respeito. E esse mesmo respeito, sem comprometer nossa coerência e nossa determinação, deve ter conquistado, por sua vez, o respeito de nossos adversários, mesmo que não tenhamos sucedido em mudar suas opiniões.

O mundo à nossa volta, nossa profissão e a ATA estão em transição. E o ritmo é acelerado. As agências estão se consolidando e tornando-se cada vez maiores e mais globalizadas. As repercussões são profundas, mas pouco compreendidas. Qual será o impacto da globalização nas nossas vidas profissionais? Como poderemos sobreviver ou até mesmo nos beneficiar dessa tendência? Que rumos devemos seguir enquanto tradutores, enquanto associação?

Essas são as questões principais à nossa frente. A próxima administração da PLD desempenhará um papel essencial na definição de nosso futuro como tradutores de português. Espero que todos os membros se juntem a nós, os administradores atuais, em dar-lhes as boas vindas e o apoio de que precisarão.

Quanto aos meus planos para o futuro, foi-me oferecida e aceitei a candidatura a um dos cargos de Diretor da ATA. Embora minha vida profissional tenha sofrido nesses dois anos e tivesse me decidido a dar atenção total ao trabalho e retornar à normalidade, vi-me face a face com uma nova variável: o surgimento de novas forças competitivas no mercado de tradução.

Não creio que medidas protecionistas sejam a solução, nem concordo com suas premissas. Estou convicto de que emergiremos dessa transição com forças renovadas e que a maneira de assegurarmos a nossa sobrevivência é o aprimoramento constante da qualidade do nosso trabalho e de nossas capacitações profissionais. E a ATA deve desempenhar um papel central nesse aprimoramento, voltando sua atenção aos interesses daqueles que constituem o seu núcleo: os membros individuais que residem nos Estados Unidos. Precisamos entender o que é a globalização. Precisamos aumentar nossa produtividade. Precisamos aumentar nossa competitividade sem comprometer nossa qualidade de vida. Precisamos aguçar nosso tino comercial. E a ATA pode nos ajudar. Ela é a NOSSA associação. Ela deve empregar seus recursos consideráveis na organização de cursos e workshops. Ela deve procurar atrair os consumidores finais para suas atividades. Ela deve apurar e promover seu programa de credenciamento junto a esses consumidores.

Graças a esses dois anos à frente da PLD e de nossas realizações conjuntas, tenho a possibilidade de ampliar a influência do contingente brasileiro e português na ATA, participando diretamente das deliberações e das decisões que afetam o nosso futuro. É por isso que decidi adiar minha retirada da vida política da associação e aceitar a candidatura a Diretor. Gostaria de contar com o seu voto.

Um abraço afetuoso a todos e, em nome de toda a administração, muito obrigado pelo grande apoio que recebemos durante esses dois anos, pelas apresentações que vocês fizeram em nossos encontros, pela ajuda em sua organização e em todas as tarefas durante esses dois anos. Obrigado ao pessoal da sede, em Washington, por todo o auxílio. E muito obrigado à Monica Sawyer pela sua contribuição como editora do PLData e à sua sucessora, Vera Abreu, pelo excelente trabalho que tem desenvolvido com o jornal. Foi uma honra sermos os administradores da PLD.

Até St. Louis!

## PL Web

Aqui estão mais alguns sites acadêmicos disponibilizando todos os tipos de informação com a intenção de tornar a pesquisa terminológica mais eficiente:

### FINS – Fish Information Service

(<http://www.actwin.com/fish/index.cgi>) Site de informação para aquaristas. O mais interessante é um mecanismo de procura de peixes pelo nome popular ou pelo nome científico com fotografias.

### Base de Dados Tropical, BDT (<http://www.bdt.org.br/>)

Departamento da Fundação André Tosello, empresa privada sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é a divulgação de informações ambientais de interesse para a comunidade científica nacional e internacional. Este site também tem um mecanismo de busca de palavras no banco de dados da fundação.

### Online scientific and medical dictionaries,

(<http://www.sciencekomm.at/advice/dict.html>) Diversos dicionários e glossários on-line e um mecanismo de busca de palavras.

**BioABACUS** – Biotechnology Abbreviation & Acronym Uncovering Service (<http://www.nmsu.edu/~molbio/bioABACUShome.htm>)

Banco de dados para a procura de abreviações e acrônimos em Biotecnologia contendo categorias como: Bioquímica, Biologia Celular, Laboratórios, Medicina.

Stella Hecht

[SJHecht@ix.netcom.com](mailto:SJHecht@ix.netcom.com)

## Cartas do leitor

### Da votação das emendas

Quero agradecer a iniciativa da Donna Sandin em pesquisar junto à diretoria da ATA a validade da votação nas emendas de 1996 abrindo o controle da Divisão a todos, sem comprovação de capacidade. Acontece que a análise da Donna não contradiz nenhuma conclusão ou observação minha a respeito do procedimento. Não recebemos boleto normal, enviado à parte ou em forma de encarte; a formatação das emendas propostas não foi feita conforme anunciada e até hoje não se tem registro de quantos votaram a favor e quantos contra. O que salta aos olhos é que os resultados anunciados não batem com os resultados constatados nas eleições da ATA como um todo.

A maioria dos membros da ATA votou a favor das emendas promulgadas por Patricia Newman, que em 1981 iniciou o seu levantamento com a seguinte pergunta:

“Requiring certification by ATA as a prerequisite to active membership would demonstrate the commitment of the Association to those standards of professional competence that figure so prominently in our purposes. Is this a reasonable way to revise this requirement?” Ela fechou o artigo assim: “My name, address and phone number are given at the end of this article; please write or call to express your opinions on any aspect of the bylaws, and I promise to listen with an open mind.” [Tax Laws and Bylaws, Chronicle, December 1981 pp. 7-8]

Em 1983 uma maioria de 2/3 respondeu, com entusiasmada aprovação e após plena e aberta discussão, à pergunta suscitada por Patricia Newman. Resultou que em 1986 ela foi prestigiada com a medalha Gode com agradecimentos pelo seu trabalho na reforma dos estatutos. Acabou-se, assim, o controle do “companhismo” e apadrinhamento nas decisões da ATA, que passou a ser uma verdadeira associação de tradutores, sem possibilidade de controle por influências alheias. Vale lembrar que na época o presidente era Ben Teague, tradutor autônomo e independente.

Em 1985 a nova diretoria da ATA resolveu voltar atrás, mas não respeitou a vontade dos membros quando estes rejeitaram as emendas propostas que abririam o voto a qualquer um. O Peter Krawutschke, presidente na época, não se conformou, dizendo que o importante era impressionar os órgãos do governo, e não acatar a opinião dos membros ativos [Chronicle, February 1996, p. 3]. Tornou a forçar a barra e a iniciativa sofreu nova derrota em 1997. Desde então



não houve manifestação alguma da parte da diretoria no sentido de respeitar essa votação apesar de ter sido ratificada três vezes. Muito pelo contrário, houve nova tentativa de impôr “goela-abaixo” o programa de alguns membros da diretoria, que fracassou novamente por falta de apoio. Conclusão: a diretoria atual da ATA não respeita a votação feita pelos seus membros credenciados e ativos.

Sendo assim, uma vez que o advogado da ATA presta contas à diretoria e não aos membros, é claro que ele há de acatar qualquer decisão que favoreça a diretoria em contradição à maioria dos membros. A diretoria também há de aprovar qualquer tendência que reforce a sua posição contrária, por mais mal-contada que seja. Tudo isso é evidente e prova apenas que nós, os tradutores autônomos que formamos 70% da totalidade da ATA, não temos representação na diretoria - e não que as emendas dos estatutos da Divisão foram apresentadas corretamente aos membros ou que os resultados da votação foram devidamente registrados. Foram justamente essas as alegações que eu queria ver provadas, e não a atitude já conhecida da diretoria e dos seus empregados.

### Conclusão

Eu pergunto agora se é descaso ou não deixar de examinar com cuidado a contagem desses votos. Pergunto também se tem cabimento permitir aos membros que ratifiquem ou rejeitem em nova eleição essa emenda tão contrária à vontade da maioria dos membros ativos da ATA como um todo. Se a resposta for não às duas perguntas, não sei que outra conclusão poderei formar senão a que a Divisão se transformou em instrumento da diretoria em plena contradição à maioria dos membros ativos. Sem dúvida acatarei a decisão tomada. Peço apenas que essa manifestação seja clara e aberta, e sobretudo constatável.

J Henry Phillips  
jhenryp@ibm.net

### ABL e o “bom-mocismo” brasileiro

Funcionou e muito bem. Parabéns pela excelente edição. Leitura muito agradável e extremamente útil, com informações de cabeceira.

A ABL, com seus ritos imperiais ingleses, continua uma grande piada, surrealista como o próprio país. Além do Ermírio, temos aquele general ex-presidente, cujo nome me escapa agora (aliás, ele é perfeitamente esquecível) e o cirurgião Pitanguy, entre outros, como poderemos ter o Joãzinho Trinta ou mesmo o ladrão do trem pagador inglês, famoso agente de turismo no Rio, se decidirem escrever um livro de 20 páginas e bancarem uma campanha de eleição.

A leitura desse material, juntamente com informações que venho recebendo ultimamente, me fez pensar se não estaremos lidando com uma língua com forte tendência à extinção, pelo menos no terreno das relações econômicas internacionais.

Embora o Brasil represente mais de 50% da população e do poderio econômico de toda América Latina junta, o Espanhol continua sendo a língua mais utilizada por executivos transnacionais, mesmo no próprio território brasileiro. O inverso, no entretanto, não é aceito em países de fala hispânica. Em outras palavras, um executivo multinacional que fale espanhol qualifica-se para trabalho no mercado brasileiro. O “bom-mocismo” e hospitalidade lusitanamente brasileira têm trazido resultados negativos. Basta uma breve inspeção no site <http://www.latinpro.com>.

Um abraço,  
Carlos Falcão  
BrasTrans@aol.com

### Parabéns!

De novo, você está realmente de parabéns pelo PLData. Chegou sem problema algum. Uma pequena queixa é que a numeração das páginas saiu um pouco esquisita, mas não dá grandes problemas. PARABÉNS!!

Alberto Bork  
73622.650@compuserve.com

Até o presente momento, não há publicações que relatam especificamente o aspecto lingüístico dos trabalhos da Comissão, mas com base no material atualmente disponível com relação à interpretação, podemos destacar o seguinte:

1. Nas audiências perante a Comissão, foram utilizados intérpretes para todas as 11 línguas oficiais da África do Sul (inglês, africanês, zulu, tsuána do norte e do sul, suto, xhosa, suázi, ndebele, tsonga, venda) e também para o polonês. Apesar do alto número de falantes do português que atualmente vive no país, não há indícios que alguma audiência tenha necessitado de interpretação neste idioma - apesar de não ter sido especificada a língua utilizada na audiência privada da moçambicana Graça Machel, viúva de Samora Machel e atual esposa de Nelson Mandela.

2. A modalidade de interpretação utilizada era a simultânea. Os membros da Comissão não sabiam necessariamente de antemão o idioma a ser utilizado pela pessoa a depor, portanto, para cada audiência, presume-se o comparecimento de intérpretes disponíveis para as línguas mais comumente faladas em cada região do país onde a Comissão itinerante se encontrava no momento. Os textos transcritos das audiências não indicam o idioma utilizado no depoimento, exceto quando há alguma confusão quanto à língua falada ou ao mau funcionamento do equipamento de interpretação.

3. Além de gravações de vídeo, foram efetuadas gravações de áudio tanto da vítima ou do perpetrador quanto do intérprete. A seguir, a versão inglesa foi transcrita e publicada na Internet, sem haver uma verificação entre as duas versões para a correção de eventuais erros. Nos roteiros transcritos, observei a correção de alguns erros de interpretação, trazidos à tona por membros da Comissão que falam as duas línguas. Entretanto, tais erros somente diziam respeito a informações incorretas que poderiam afetar o entendimento de palavras relevantes por parte dos membros da Comissão. Em sua obra "Country of My Skull," Antjie Krog conta que um dos intérpretes havia sido substituído porque nos três dias anteriores, a interpretação em tsonga havia feito com que uma das vítimas parecesse um imbecil.

4. O relatório criado pela Comissão, apresentado ao Presidente Mandela no ano passado, foi escrito somente em inglês, assim como toda a documentação tornada pública oriunda das audiências da Comissão. Isto indica que, atualmente, o inglês predomina em assuntos públicos nacionais, especialmente no que diz respeito a violação a direitos humanos.

5. Um dos problemas com os quais a Comissão se deparou foi o alto custo dos serviços de interpretação, um dos itens mais dispendiosos em todo o seu orçamento. Inicialmente, o governo belga doou verbas para tal empreendimento.

6. Alguns dos profissionais que trabalharam na Comissão como jornalistas e intérpretes sofreram com o uso da linguagem de teor violento durante as audiências. A jornalista Antjie Krog diz que "o trabalho da Comissão da Verdade deixa a maioria de nós fisicamente exaustos e mentalmente em pânico"5. As narrativas eram tão fortes que vários destes profissionais começaram a sentir bloqueios mentais quanto à linguagem. Eles passavam pelas experiências das vítimas ao relatar os acontecimentos transmitidos ao público, especial-

mente no caso dos intérpretes, sempre usando a primeira pessoa, seja ela vítima ou carrasco. Krog relata a situação de um jovem intérprete de tsuána que encontrou muita dificuldade em interpretar as histórias narradas pelas vítimas dia após dia, por meses a fio. Segundo ele, não havia nenhuma distância entre ele e a pessoa para quem ele interpretava, pois sempre usava o pronome "eu". A Comissão disponibilizou auxílio psicológico para ele e para outros profissionais em situações semelhantes.

Ainda hoje, o trabalho da Comissão continua. Ela conta com 60 investigadores e 21.000 casos a serem investigados, portanto, o próximo passo será a notificação às famílias dos resultados obtidos das investigações. Será interessante para nós intérpretes e lingüistas ver a maneira pela qual tais notificações serão feitas, se a política de usar a língua preferida perdurará ou se o inglês prevalecerá. Uma universidade local ficou responsável pelos arquivos das gravações e transcrições das audiências para fins de pesquisas no campo de interpretação. Com certeza, à medida em que os resultados destas pesquisas sejam revelados ao público, todos nós teremos a oportunidade de aprender com os heróis intérpretes sul-africanos.

*Clarissa Surek-Clark é tradutora, intérprete e lingüista. Passou os últimos dois meses aprimorando seu zulu na África do Sul, como bolsista da Fulbright-Hayes.*

<sup>1</sup> Da home page <http://www.truth.org.za>

<sup>2</sup> Da home page do consulado da África do Sul no Brasil: <http://www.africadosul-consp.org.br>

<sup>3</sup> De "Country of My Skull", p. 113, de autoria de Antjie Krog, 1998, minha tradução.

<sup>4</sup> Transcrito de "Country of My Skull".

<sup>5</sup> "Country of My Skull", p. 51, minha tradução.

## PL Web

### Saúde!

Desktop Yoga (<http://www.will-harris.com/yoga>) é um site animado que mostra uma série de exercícios para você fazer em sua mesa e aliviar o cansaço do trabalho no computador. Também há um site específico sobre exercícios para a L.E.R.

StretchWare™ é um programa que manda avisos sonoros e visuais para lembrá-lo de fazer alongamento e manter a postura correta na cadeira ao digitar. Vale conferir o programa de demo gratuito por 30 dias em [http://www.strechware.com/sw\\_how.html](http://www.strechware.com/sw_how.html).





## Y2K - TI – São Paulo

Donna Sandin  
dsandin@erols.com

I and quite a few other members of the PLD attended the 1st Congress on Translation and Interpretation, subtitled (Y2K-TI), held in São Paulo July 5-8 at the Getúlio Vargas Foundation, Brazil's premier business-oriented university. The event was sponsored by APIC -Association of Professional Conference Interpreters, SBS books and Prosoma S.A. It owed a lot, in terms of technical assistance and emergency help, to Eduardo Barile, husband of ATA/PLD member Tamara Barile.

The morning sessions featured talks on the present status and future prospects for the professions of translating and interpreting in Brazil, and elsewhere, for the 21st century, as seen from the following standpoints:

- APIC;
- a translation entrepreneur (Renato Beninato)
- universities in the United States (Prof. Sheila Shermet of the Monterrey Institute of Language Studies)
- a professional interpreter (Paulo R.M. Lopes)
- a linguist (Prof. Robert Kohls of the Monterrey Institute)
- a sworn translator (Tamara Barile)
- a translator of Portuguese in the US (Tim Yuan)
- a trainer of interpreters (Angela Levy, of the Alumni Association)

Two-hour workshops in translation and interpretation were held in the afternoons. Payment of a fee entitled one to attend a translation workshop and/or a workshop in interpretation every afternoon. The interpretation workshops were much sought-after, since all were led by Sheila Shermet.

Translation workshops were led by Renato Beninato, Paulo Roberto M. Lopes, Robert Kohls, and Danilo Nogueira. I attended three of them. All of them were fast-paced and very intensive in terms of content.

Renato, whose firm has just been bought by Berlitz, talked about what is and what is not licit in technical translation. From his experience with revising the work of his staff, he had found out that the biggest problem was translator confidence. When is it OK to omit something? Are foreign words used in the industry acceptable, or must one always find the Portuguese word? (he leans strongly to using the foreign word). Can one adapt terms for cultural reasons? (ex: Friday the 13th to Tuesday the 13th). He discussed the steps to take in approaching a technical assignment, especially a long one. The full version of his presentation, given in PowerPoint, is available on the web at <ftp://ftp.lmiinc.com.br/workshop/workshop.zip>.

Paulo R.M. Lopes, a veteran interpreter and translator known for the energy and lively theatrical touches he brings to his presentations, gave what to me was a very helpful workshop on assorted technical terms, including common errors (ex.: Vale do Silício, not Vale do Silicone) and certain English pronunciation problems (when does the "ed" at the end of a word sound like T, when like D, and when line ED?). It was

very handy for me as a P>E (admittedly non-technical) translator to know, for example, that in Portuguese no acid begins with "hidro." So, you have ácido clorídrico, for example. In English, the "hydro" would appear first, so I need to spot it hidden in the Portuguese term and render it as hydrochloric. Other questions he raised, and answered: when is key rendered as "chaveta" and when as "segredo" or "chave"? "Apparel" is vestuário not "roupa." And when you see "escorvar" don't assume it was a typo of "escovar" because the former means to prime, as a pump. And so on. The two hours went very quickly!

On Thursday, Danilo Nogueira, who had given a morning talk on economic aspects of the translation profession, including excellent comments on the recognition of the proper and useful role of intermediary, gave a talk on comparative corporate law, with emphasis on the Brazilian and American systems.

More than one of the translation workshop speakers stressed keeping the clients' needs and wants in mind. No matter how boring or stupid you think the text, or how poorly paid you may feel at the agreed rate, that assignment is what matters most to the client at that moment! There was also an emphasis on punctuality in delivery of jobs, ethical conduct, and confidentiality.

Afternoon presentations entitled "panels" were timed to fill in the blanks before and after the two shifts of the workshops. I had looked forward to the one on Trados, but although representatives were sent from the States, the one I attended proved not to be the full-fledged sales talk using actual documents I had expected, but a mere demonstration of techniques using such elementary sentences that the process looked cumbersome. Last year's enthusiastic presentation by Danilo Nogueira was much more useful.

On the final day, APIC announced the winners of the 1st annual Genô award for interpreters and translators, dedicated in honor of the memory of the late Genevieve Pelisson, one of the founders of APIC, much beloved by the interpreter community in São Paulo. The award for a promising newcomer in the field of interpretation was given to Lia Lenci (a 1997 graduate of the Georgetown U. interpreter program) and the award for promising rookie translator went to João Vicente de Paulo, who has been active in organizing translators in Brasília. The "Interpreter of the Year" award went to Cecilia Assumpção, and Haroldo Netto, translator of about 80 best-sellers (!), won the "Translator of the Year" award.

Attending from the States, as best I can recall, were Tereza Braga, Stella Hecht, Katia Iole, Lucia Leão, Lourdes Norton, Donna Sandin, and Tim Yuan.

Quote of the Week: Language is the only real barrier to globalization – Renato Beninato.

*Donna Sandin has been a translator of Portuguese to English in Sao Paulo and in Washington DC for 20 years. She recently retired from the Department of State to become a full-time freelancer.*

## Aventuras Paulistas e o Y2K-TI

Tereza Braga  
TBragaLing@cs.com



Como muitos outros cariocas, sempre tive um certo receio, uma fingida indiferença e um grande interesse secreto por São Paulo – não o estado, mas a cidade, aquela que aparece como “Capital” nos contratos que nos caem nas mãos. Afinal de contas, eu sou do Rio. No Rio a gente cresce com a idéia de que o resto do Brasil não interessa muito. Quando o americano ouve a palavra “Brasil”, faz logo aqueles olhos sonhadores e levemente maliciosos: “Ah, ... Brazil! ... I always wanted to visit Rio ... the beach, the carnaval, the women!...” Nessa hora ninguém liga para o estereótipo. Estampamos logo aquele sorriso de falsa modéstia, “pois é...” Sempre fomos o cartão postal do Brasil. O Rio é onde tudo acontece, onde o *beautiful people* do mundo inteiro se congrega, onde rolam o samba e o carnaval e a alegria de viver. Alvo da curiosidade e recheio dos sonhos e fantasias turísticas, aventurosas, românticas, tropicais (e outras) de milhares de pessoas por esse mundo afora. Carmem Miranda ou não, ninguém pode negar.

Mas São Paulo? Cresci ouvindo as “simpáticas” críticas dos cariocas: “ai, detesto São Paulo”, “um horror”, “cidade horrível, sem graça, só prédio, tudo cinzento”. Mas nos livros de história e geografia no colégio, lá estava São Paulo, sempre na vanguarda econômica, já o celeiro do país. E cada vez que a gente se espantava com o crescimento do Rio, as estatísticas de São Paulo estavam bem na frente. Quem será essa gente toda que mora lá, eu pensava. Ouvia dizer que vinha muito migrante do norte e nordeste para trabalhar. E que muitos japoneses e outros imigrantes estrangeiros também chegavam, cada vez mais. E que a música, os concertos, os museus, era tudo outro nível. Por que será que vai tanta gente pra lá, pensava a minha cabeça de criança. Mais tarde, ouvi a impressionante estatística informal de que São Paulo crescia uma Belo Horizonte por ano. O mistério se adensava.

Minha primeira visita foi uma viagem familiar. Eu devia ter uns dez anos. Jamais me esqueci da nossa estada no Real Hotel, no centro da cidade, que nem deve existir mais. Senti-me um pouco como uma americana chegando a Nova York pela primeira vez, em parte porque no Rio eu nunca tinha visitado um hotel tradicional. O restaurante onde meu pai nos levou me impressionou mais ainda – centenas de garçons equilibrando bandejas numa incrível coreografia rodopiante, num salão tão grande que eu não conseguia vislumbrar onde começava e onde terminava. Tudo bem, pensei, tá faltando a praia e as montanhas. Meio sufocante para quem morava perto do morro do Corcovado, com aquele “céuzão” azul. Mas o trânsito, as lojas, os produtos, as ruas, o Viaduto do Chá – a paisagem urbana era bem mais sofisticada e tudo me parecia mais eficiente e adiantado. Sem dúvida, fizemos nossas gozações. Os anúncios de apartamento em São Paulo diziam “vista indevassável e verde”. Ao olhar pela janela, a vista e o verde eram um pedacinho de um parque vislumbrado a dez quarteirões de distância, no meio de 360 graus de prédios cinzentos. Mas mesmo assim, passei a ignorar todos os comentários e comecei a ver o que nós cariocas estávamos perdendo com a mania de olhar só para o próprio umbigo. E entendi porque meu pai já dizia, naquela época, “São Paulo é outro Brasil”. Um Brasil aparentemente muito mais silencioso, eficiente, empreendedor e operoso. As visitas seguintes foram poucas, mas sempre

marcantes. Uma vez fomos todos juntos, meu pai, irmãos e primos para visitar uma feira da indústria mecânica. Nada nem parecido acontecia no Rio. Já mais velha, fiz outras visitas, sempre breves. Nunca me esqueci da enorme feira do livro, que fui visitar sozinha e me tomou o dia inteiro. Hospedada com uma família amiga no Parque do Ibirapuera, visitei um supermercado. Nunca havia visto no Rio frutas tão lindas e deliciosas quanto as paulistas. Na cozinha, vi uma espécie de televisão. Depois das explicações da minha anfitriã, entendi que eu estava sendo apresentada a uma nova tecnologia mundial – o forno de microondas!

Três décadas depois da minha primeira visita de criança, volto a São Paulo na primeira viagem internacional da minha carreira solo, orgulhosa de mim e do meu país. E curiosa. Morando nos EUA há mais de uma década, saí do Brasil sem ter tido a chance de conhecer a fundo a cidade que agora já é a terceira do mundo em população. E comecei a carreira aqui. Os únicos colegas brasileiros que eu conhecia eram os que aparecem por aqui nos nossos encontros americanos e me contam um pouquinho de como é a vida do profissional ganhando a vida com tradução e interpretação no Brasil. Ansiosa para ver como é a coisa por lá, conto com a extrema boa vontade das colegas paulistas Tamara e Celita e um bom preço nas passagens. Mal sabia eu que seria uma descoberta dupla e uma tremenda overdose que me deixou exausta. Mas como valeu a pena! Não sabia para que lado olhava. Redescobrir o Brasil da globalização e a vida diária do profissional liberal na terceira maior cidade do mundo já bastavam para uma semana vertiginosa. Mas tinha ainda que sobrar energia para me concentrar no congresso, nos novos contatos e nos ricos *workshops*.

Minha muito querida anfitriã Regina Alfarano, de preciosas memórias que remontam ao meu primeiro congresso da ATA, em Nashville, quando eu estava trabalhando de voluntária ajudando no exame de *accreditation*, me proporcionou o melhor reencontro com Sampa que eu poderia desejar. O aspecto tranquilo dos bairros e a vida própria de cada um, com suas feiras e lojinhas de aspecto quase do interior. Os porteiros e os vigias das ruas – pára-se em cada esquina e o circuito de recados faz o bairro funcionar com a maior harmonia. As frutas, o pãozinho de queijo, os supermercados, ai...! E se você tiver saudade do seu *breakfast cereal* americano de manhã, ou da sua pasta de dente especial, não tem problema, tem tudo igualzinho para comprar. Sai-se do bairro e pronto, entramos na marginal (pelo que entendi, o sinônimo de *freeway* lá é marginal), onde vejo prédios de design impressionante. Gigantescos centros empresariais, com edifícios e hotéis tão ou mais modernos que os de Dallas, que é uma cidade conhecida por poucas coisas, mas com um “senhor” *skyline* arquitetônico. Vou lendo os nomes das empresas nos prédios da *freeway* paulista e tenho a lista quase completa das Fortune 500 na minha frente.

E depois os *malls* – ou shoppings, como se diz no Brasil. E os restaurantes! ... Se não fosse o ritmo frenético do congresso, não sei o que teria acontecido comigo. E não é só a comida de excelente qualidade e lindamente servida. São também as lojas de doces. Bom, deixa isso pra lá. Sabemos bem o que acontece quando a gente encara um quindim fresquinho depois de um tempo fora do Brasil.

Mas vamos falar do congresso. Minha perspectiva, repito, é de alguém que nunca foi tradutora no Brasil. Comecei a carreira aqui e esse foi meu primeiro congresso lá. A grande ênfase foi o caráter nãoacadêmico do evento. Uma coisa mais nos moldes do nosso congresso da ATA, acho eu. Prático e “*to-the-point*”. Na minha perspectiva, funcionou. Mas a universidade compareceu, também, e com peso. O debate esquentou e fez a gente rir. Danilo Nogueira, Regina Alfarano e Paulo Roberto M. Lopes jogaram um vôlei intelectual interessante e divertido, cheio de levantamentos e cortadas, no palco e fora dele, sobre a regulamentação da profissão. Mesmo sem opinião formada e meio por fora do assunto, foi bom assistir. E a mesa redonda que encerrou o congresso foi moderada pelo Ernesto Pasqualin, que conhecemos em New Orleans e que augurou para o congresso um futuro brilhante e muitos anos de sucesso.

No anfiteatro da Fundação Getúlio Vargas, a seleção de palestrantes me pareceu muito feliz. Maria Clara Forbes Kneese, recém-chegada de uma entrevista no programa do Jô Soares, falou sobre a APIC e a vida dos intérpretes profissionais veteranos no Brasil. Renato Beninato, da Berlitz Globalnet (ex-LMI), outro patrocinador do evento e criador da nossa bem-amada Lista, enfatizou a escassez de bons tradutores no mercado atual e a necessidade imperiosa de aumentar a nossa produtividade. Dificil desafio para muitos de nós que nos qualificamos “*low tech*”. Muitos tradutores, lembrou ele, ainda usam o computador como uma máquina de escrever, e ruim! (a nossa Olivettinha pelo menos tinha impressora já acoplada!) Renato nos fez ver que a nossa profissão é *sui generis* no mundo. Somos talvez os únicos profissionais liberais que são decididamente generalistas. Se eu não me fizer valer de tudo que aprendi durante os meus anos de secretária bilíngüe no Brasil, da rapidez adquirida aos 18 anos na datilografia, do que aprendi ouvindo os empresários americanos que vinham conversar no Consulado, dos meus cursos de *international business* na faculdade, do meu compromisso em continuar lendo, e lendo em português, da disposição para ir até o cliente e entender o que ele quer, da coragem (que me falta) de investir em equipamento moderno, seminários e congressos, posso dizer adeus à minha aposentadoria e sonhos para o futuro. Nós somos uma elite, lembrou o Renato. A única ordem do dia é melhorar, melhorar, melhorar. Nosso concorrente é nosso colaborador. Perdemos um tempo precioso competindo pelas fatias do bolo, quando o que precisamos é melhorar o fermento. E o bolo está crescendo, gente. “A única barreira para a globalização é o idioma” foi o arremate do Renato.

Danilo Nogueira, com seu estilo jocoso e divertidíssimo, foi para mim o palestrante que melhor abordou o nosso dia-a-dia e

as aparentes contradições do nosso mercado, em “Aspectos Econômicos da Profissão”. Danilo explicou que o mercado de tradução é altamente pulverizado, fragmentado e segmentado. Ele próprio só faz tradução contábil e mais nada. Quando fazemos um debate durante um encontro, estamos partindo de uma infinidade de pontos de vista diferentes e especialidades distintas. Daí a dificuldade de nos reunirmos em sindicato (questão discutida no Brasil). Os interesses são extremamente diversos. As nossas reuniões e as nossas listas internéticas são, sim, ótimas e úteis, mas apenas por uma razão: ajudam a aumentar e melhorar a comunicação entre nós.

A tradução é o serviço mais globalizado do mundo (internet, e-mail) mas o menos globalizado também, por causa da competição, explicou Danilo. Desperdiçamos uma enorme energia tentando controlar a concorrência, que nem mulher insegura que tem medo que lhe roubem o marido. O concorrente, nos martelou Danilo, é nosso amigo. Sem ele, frisou, nos tornamos dinossauros. Ele nos mantém vivos. Outro tema da palestra foi “agência virou palavrão” e as diferentes gradações do que chamamos de “intermediários”. Tradução, lembrou Danilo com enorme dose de realismo, não é um departamento dentro das empresas. Tente ligar para uma companhia e perguntar “me passa aí pro encarregado de compras do setor de tradução”. Para a imensa maioria das empresas, achar um bom tradutor é difícil. Falamos mal dos “bicões”, mas como foi que nós começamos? Nunca vou me esquecer e nunca tive coragem de contar antes, mas a primeiríssima simultânea da minha vida partiu de um telefonema desesperado de uma intérprete de espanhol, instalada na cabine do maior auditório do maior hotel de Dallas, lotado com 500 vendedores estrangeiros de uma firma de software das mais famosas do mundo. Como foi que isso aconteceu eu nunca vou saber, pois não perguntei e nunca mais vi essa senhora, mas a distinta havia contratado duas pessoas para fazer o português na cabine. Nenhuma das duas conseguia nem gaguejar no microfone. Protestos da plateia e impasse geral. O telefone toca na minha casa. Não tive dúvida. Eu me sentia plenamente qualificada, sabia que tinha enorme chance de sucesso, mas os meses passavam e eu não conseguia minha primeira oportunidade. Respirei fundo, sentei, coloquei os fones e segurei o microfone com uma força tal que não sei como não quebrou. O pânico durou exatamente três minutos. As duas “intérpretes” foram para casa e fiquei os dois dias do congresso, com elogios. Finalmente eu havia dobrado o cabo das tormentas. Agora eu podia começar a conversar com as empresas e me apresentar.

De “bicão”, a ordem natural das coisas é passarmos para a categoria seguinte, a de intermediários, explicou Danilo. O primeiro estágio é o que ele chamou de “chupim” – fazemos traduções para os outros. O segundo é a recomendação de cortesia – dou o nome do colega e não cobro nada. E o terceiro é a intermediação onerosa, subdividida em diversas modalidades de encaminhamento de trabalho (o chamado “agenciamento”). É quando o tradutor, ao ver que tem jeito para a coisa, vira empresário. E o resto é *history* – as grandes empresas de tradução estão aí para a gente ver.

Das outras palestras tenho menos informações, mas Tamara Barile deu outro show de profissionalismo (vários de nós assistimos à palestra dela em New Orleans), Paulo Roberto Lopes



mostrou seu talento de ator e comediante numa sessão sobre interpretação profissional (politicamente nada correto, mas rimos muito), Tim Yuan falou sobre a ATA, Lucia Helena França falou sobre aprimoramento profissional e dois convidados docentes do Monterey Institute of International Studies falaram sobre suas áreas específicas e os cursos de pós-graduação oferecidos pelo MIIS, na Califórnia.

E ainda teve os *workshops*. Planejei participar apenas do oferecido pela Sheila Shermet, sobre interpretação consecutiva, mas acabei participando de três. Excepcional o do Paulo Roberto, sobre problemas da tradução técnica, assim como o do Bob Kohl, sobre técnicas de revisão em inglês, com mil dicas sobre recursos úteis para o tradutor e revisor. Bob nos fez ver que o nosso aprendizado do inglês é muito diferente do aprendizado de uma pessoa que não precisa traduzir. Temos que nos expor não a um único inglês, mas aos vários “inglês” falados no mundo de hoje, com redobrada atenção para questões de estilo, sotaque, dialetos, política, história e os vários tipos de terminologia específica (esportes, por exemplo) que acabam no domínio geral. Perdi o *workshop* do Renato, também sobre tradução técnica e muito elogiado.

Ângela Levy, fundadora do Alumni, em São Paulo, falou no último dia sobre os cursos de tradução e interpretação oferecidos por aquela instituição no Brasil. Todos os professores do Alumni são praticantes em sua profissão, enfatizou. Com muito bom humor e bom senso, Ângela nos lembrou que a profissão de intérprete é uma das poucas profissões em que a idade e a experiência valem tudo e os “velhos” são os mais procurados, o que sem dúvida vale também para a tradução.

Cabe aqui um elogio ao excelente *staff* do congresso, que fez tudo funcionar às mil maravilhas apesar do tumulto do prédio sede da FGV, que estava cheio de andaimes devido a uma obra de remodelação. Tudo isso, é claro, foi trabalho. Terminado o expediente do congresso, íamos então “viver” São Paulo, que ninguém é de ferro. Gente, *happy hour* em São Paulo é outra coisa e as cantinas italianas merecem a fama que têm. O que mais me impressionou, porém, foi a incrível energia dos colegas paulistas. Eu até que poderia trabalhar tanto, mas não com aquele trânsito e confusão. É de entontecer. Sei que existe empregada e todo mundo se ajuda, mas mesmo assim o batente é incrível. Às 9 ou 10 da noite, quando eu já estava exaurida, aí é que íamos jantar. Para uma texana, a experiência foi mais intensa do que Nova York. Um abraço carinhosíssimo aos organizadores. Faltou falar sobre a parte de informática do congresso, comandada por Eduardo Barile. Ouvi dizer que foi ótima.

Obrigada, São Paulo! E licença, mano Caetano: o Y2K-TI, se não foi a tua mais perfeita, foi uma belíssima tradução.

*Grata a Haroldo Netto (laureado do congresso) pelos comentários e revisão.*

*Tereza d'Ávila Braga é tradutora comercial autônoma, com credenciamento em inglês>português pela ATA, e intérprete de conferência, prestando serviços autônomos e também para o U.S. State Department. Carioca, mora e trabalha em Dallas há 15 anos e possui M.A. em International Management pela University of Texas at Dallas.*

## O ergonomicamente correto

*Thelma Sabim  
tsabim@mediaone.net*

A LER (Lesão por Esforços Repetidos) não faz distinção de raça, tipo de trabalho ou idade... A “doença do século XXI” não aparece de uma hora para outra; pode levar meses e até anos para se manifestar. A LER começa com um desconforto e dor leve na execução de algumas tarefas e, com o tempo e a repetição dos movimentos, fica mais intensa e persistente. Surgem inchaços, dormência, choques, etc. até que a dor se torna insuportável, causando deformidades e atrofia.

Parece exagero? Não. Alguns de nossos colegas tradutores já sentem na pele (ou melhor, nos tendões) os sintomas da LER e tiveram que “tomar outra postura”, ou seja: usar o mouse com a mão esquerda, dividindo a carga de movimentos da mão direita; ditar a tradução para ser transcrita, poupando os dedos do teclado; ou utilizar mesas especiais para revisão de texto, evitando a inclinação desnecessária do pescoço.

Conforme já comentado no artigo publicado na edição de junho deste boletim, além das “paradas” durante o trabalho, é recomendado fazer alguns exercícios com as mãos, os ombros, os braços e a cabeça. Uma postura “ergonomicamente correta” também é essencial para o nosso bem-estar, principalmente quando passamos muitas horas sentados.

Para ver algumas ilustrações sobre posturas, visite <http://www.douphin.com>. Interessante também o site [www.levenger.com/shop/deskacce](http://www.levenger.com/shop/deskacce) - faça um *search* para “writer’s edge” e “portable editor’s desk” (vejam os detalhes nas fotos). O site da Universidade de Stanford, [www.stanford.edu/dept/EHS](http://www.stanford.edu/dept/EHS), tem uma área exclusiva sobre ergonomia onde são questionados o uso e a necessidade real de alguns dos acessórios ergonômicos.

A maioria dos sites sobre ergonomia menciona sempre estes três pontos básicos para as pessoas que trabalham com computador:

*Mouse* - posicionado ao lado do teclado, para evitar excesso de deslocamentos da mão.

*Apoio para os antebraços* - apoiados nos braços da cadeira ou, de preferência, sobre a mesa, para evitar que fiquem “no ar”.

*Monitor* - posicionado à frente do usuário, nem muito acima nem muito abaixo da linha dos olhos, e alinhado com o teclado; não colocar o monitor “de lado”.

Uma boa opção em termos de acessórios é o “*scrolling mouse*”, que faz a rolagem da tela em qualquer aplicativo. Facilita principalmente a rolagem das páginas da web. O recurso da rolagem da tela pode ser usado no Word com o Auto Scroll. Ele economiza centenas de toques na tecla PgDn. É bem prático para dar aquela olhadinha final em documentos extensos, antes de enviá-los ao cliente. Para ativação deste recurso veja PLNotes “Dicas sobre Word”.

Se alguém tiver alguma dica que nos ajude a manter uma postura ergonomicamente correta, envie-a para a editora para divulgação na Divisão de Português. Nossos dedos, tendões, cotovelos, etc. agradecem.

PS: A propósito, este artigo com cerca de 700 palavras, “consumiu” mais de 3.700 toques. Você sabe qual é o seu “consumo” de toques por dia?

*Thelma L. Sabim é tradutora desde 1989, com especialidade em marketing, software, hardware e telecomunicações (ênfase em celular).*

## O “não” como estilo

### Como torturar a língua e influenciar pessoas

*Olavo de Carvalho*

O velho Graciliano, sem dúvida, sabia escrever. Mas em verdade vos digo: não sabia ensinar. Com ele aprendemos uma lição desastrosa: quando por uso excessivo uma palavra se torna vulgar, cortamos a palavra do vocabulário em vez de lhe infundir vida nova mediante um uso mais engenhoso. Cortar, cortar, cortar: é só isto que sabem fazer os graciliânicos, numa fúria castradora de fazer dó. Vetar palavras sob pretexto de vulgaridade tornou-se a suprema vulgaridade, consagrada em todos os manuais de redação. São cursos de ascetismo histórico, que, para curar uma espinha, amputam o nariz e, por um pneu furado, jogam um carro no ferro-velho. Pois cortar, meus filhos, é o expediente dos tímidos, que, não sabendo o que dizer numa festa, imaginam proteger-se de todo vexame abrigando-se num mutismo soturno e constrangedor.

O próprio Graciliano era assim na vida real, e vocês não vão me dizer que essa é uma boa fórmula de desempenho social ou de saúde mental. Cortar é o último recurso, quando tudo o mais falhou. Se você experimentou mil e um arranjos e cada um ficou pior que o outro, aí sim, apele ao seu Graciliano interior e suprima a frase incurável. Fora disso, não seja covarde: inibição e autocastração nunca deram saúde a ninguém. E podar o dicionário resulta apenas em intimidar os outros, infundir-lhes a peste da inibição. Sei que no Brasil isso funciona: quem não tem nada para dar se faz de importante com uma cara feia e um “não”. Mas é jactância de pobre. A autoridade, entre nós, não tem a figura de um rei, mas de um sargento de polícia ou de um burocrata por trás do guichê – o tipo do sujeito que não pode nos ajudar, mas pode atrapalhar. Um professor de constrangimento. “Outrossim é a p.q.p.?” Pois é a tua, malandro.

É claro que Graciliano dizia uma coisa e fazia outra. Seus escritos estão cheios de termos preciosos, bem como de expressões da fala vulgar nordestina, que só eram novidade no Rio de Janeiro. Vulgaridade é questão de ocasião. O vulgar e o excelso não estão separados por um abismo ontológico. O mais vulgar dos chavões, usado de maneira levemente irônica ou num contexto inusitado, adquire a vitalidade e o fulgor de um achado genial. Leiam Julien Green e saberão do que estou falando.

Outra miséria que aprendemos em Graciliano é a obsessão das frases curtas. Os manuais mandam não passar de cinco linhas, dando por pressuposto que na sexta o leitor, cretino como o autor, já esqueceu o começo da frase. Pois então para que tem o nosso idioma esse magnífico sistema de tempos e modos verbais, que permite a uma idéia ressoar simultaneamente em vários planos, como numa polifonia? E para que tem essa majestosa galeria de conjunções, que articulam todos os modos da realidade e da possibilidade, construindo um andaime verbal para ajudar a inteligência do leitor a se elevar, partindo do sensível, aos graus supremos da abstração filosófica? Filosofar em alemão? Droga! Temos o melhor idioma filosófico do mundo, e não nos damos conta disso porque nossos escritores nos proibem sair do círculo do sensorial e do imedi-

ato, com sua maldita estilística do “não”. Até quando reinarão sobre nós os mais burros, vetando com sorriso de desdém fingido tudo o que está acima de suas cabeças?

A mim uma coisa me parece clara. Quanto mais nos esquecermos do latim, menos percebemos a verdadeira força do nosso idioma e mais procuramos amoldá-lo às limitações do inglês, este sim uma língua de onomatopéias e exclamações abruptas, em que após a quinta linha não há mais fôlego que agüente. Já que vocês gostam tanto do alemão, façam uma experiência. Peguem um texto do mais complexo escritor filosófico germânico, que não é Hegel ou Heidegger, mas Schelling, e traduzam para o inglês. Verão que, lá pela metade do período, terão sido obrigados a cortá-lo em dois ou três, para que o leitor não se perca numa barafunda de apostos e orações subordinativas que o inglês não tem meios de subordinar. Traduzam agora para o português. A gente chega à 15ª, à 18ª linha, e o fio do pensamento está lá, intacto e visível, graças à mágica dos modos verbais diferenciados e à funcionalidade das conjunções portuguesas. Traduzindo Weber, Hans Gerth e C. Wright Mills confessaram que seu idioma, não obstante tão forte na expressão de impressões do cotidiano, não agüentava os períodos intermináveis daquele pensador obcecado de precisão e de nuances. Picotaram tudo. Mas o próprio Weber diz que, em geral, só as frases longas podem dar unidade a idéias complexas. Um escrito filosófico em frases curtas quase sempre se perde em puro impressionismo, que, como diz a palavra mesma, só é bom para impressionar, no mais das vezes à custa de confundir.

Ora, a força do latim vem de seu vasto sistema de declinações e conjugações; no português aquelas se perderam, mas estas se conservam. Declinações permitem mudar a ordem de construção da frase sem perder-lhe o sentido. Isto nem sempre podemos fazer em português, mas em inglês não se pode quase nunca. Conjugações permitem transcender, sem perdê-la, a idéia de tempo. É talvez por sua língua ser desprovida de um sistema rico de conjugações que os ingleses e americanos ficam com tanta freqüência divididos entre um materialismo (ou pragmatismo) terra-a-terra e um transcendentalismo descarnado: o tempo e a eternidade tornam-se facilmente para eles dimensões separadas e incomunicáveis, enquanto o pensador latino – Giambattista Vico, Louis Lavelle ou o nosso Mário Ferreira dos Santos – transita de um à outra na mesma frase, mediante um simples giro de modos verbais. O latim, afinal, é a língua por excelência daquela que é, por antonomásia, a religião da encarnação: da eternidade no tempo, do tempo na eternidade. Mas, se perdermos o senso da nossa raiz latina, temos de pensar como americanos. E aí não nos resta outro meio de nos sentirmos brasileiros senão imitar Graciliano, o mestre da frase curta. Só que, ao imitá-lo, estreitamos dramaticamente nossas possibilidades, abdicando de uma riqueza milenar que, por direito de herança, nos pertence.

*(Extraído da Revista BRAVO! com permissão do autor e da revista)*

# Eventos Profissionais

## Agosto – 99 a novembro - 99:

Cursos de Extensão para o Segundo Semestre organizados pela ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução), CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia) e o Curso de Inglês da USP:

28 de agosto, 11, 18 e 25 de setembro

A Tradução para Dublagem

Tipos de dublagem, com vários exercícios práticos, ministrado pelas Profas. Lina Alvarenga e Renata Rodrigues.

15, 22, 29 de outubro e 5 de novembro, das 13h00 às 17h00.

A Tradução de Textos Audiovisuais I

Curso introdutório sobre a legendagem de filmes e vídeos ministrado pelas Profas. Lina Alvarenga e Vera Lúcia Santiago.

Taxa: R\$70,00

16, 23, 30 de outubro e 6 de novembro, das 13h00 às 17h00.

A Tradução de Textos Audiovisuais II

Curso intermediário sobre a legendagem de filmes e vídeos ministrado pelas Profas. Lina Alvarenga e Vera Lúcia Santiago.

Taxa: R\$70,00

Informações e inscrições: Serviço de Cultura e Extensão, USP, Cidade Universitária, São Paulo, SP.

Tel: (011) 818 4645.

## Setembro - 99:

15<sup>th</sup> through 18<sup>th</sup>: Software & Information Industry Association annual conference to discuss issues affecting international software publication in Toronto, Canada. Info at [conference@siaa.net](mailto:conference@siaa.net).

## Outubro - 99:

8<sup>th</sup> through 10<sup>th</sup>: 1999 Conference on L1 & L2 Acquisition of Spanish and Portuguese & Third Hispanic Linguistics Symposium, Georgetown University, Washington, DC, USA. Info at <http://data.georgetown.edu/departments/spanport/conferences/Index.htm>

20 through 24: 22nd Annual Conference - American Literary Translators Association, Hotel New Yorker, New York,

NY. Focus on Translation and Publishing. Bilingual readings, panels, workshops. Contact ALTA office at [ert@utdallas.edu](mailto:ert@utdallas.edu) or at <http://www.utdallas.edu/research/cts/ALTA.htm>

## Novembro - 99:

15 a 17: II Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, Lisboa, Portugal. Organizado pela Representação da Comissão Europeia em Portugal, Fundação para a Ciência e a Tecnologia e União Latina, com tópicos como Formação em Tradução, Impacto das novas tecnologias, Mercado da tradução e Línguas para fins específicos. Informações: Eduardo Sobreira em [eduardo.sobreira@nca.pt](mailto:eduardo.sobreira@nca.pt).

3<sup>rd</sup> through 6<sup>th</sup>: Annual ATA Conference in St. Louis, Missouri, USA, at the Regal Riverfront Hotel. Info at [www.atanet.org](http://www.atanet.org)

## Dezembro - 1999:

27<sup>th</sup> through 30<sup>th</sup>: Translation in Context: Translation of Lyric Poetry, American Philological Association's annual meeting, Dallas, Texas, USA. Info at <http://www.scholar.cc.emory.edu/scripts/APA/AnnualMeeting/annualmeeting.html>

## Março - 2000:

2<sup>nd</sup> through 4<sup>th</sup>: The First International Conference on Specialized Translation, organized by the Facultat de Traducció i Interpretació and the Departament de Traducció i Filologia of the Universitat Pompeu Fabra will take place in Barcelona, Spain. Main goal: provide a forum for the presentation and discussion of contributions on specialized translation which are significant to the development of this field. Info at e-mail: [congres.trades@grup.upf.es](mailto:congres.trades@grup.upf.es) or <http://www.upf.es/df/index.htm>

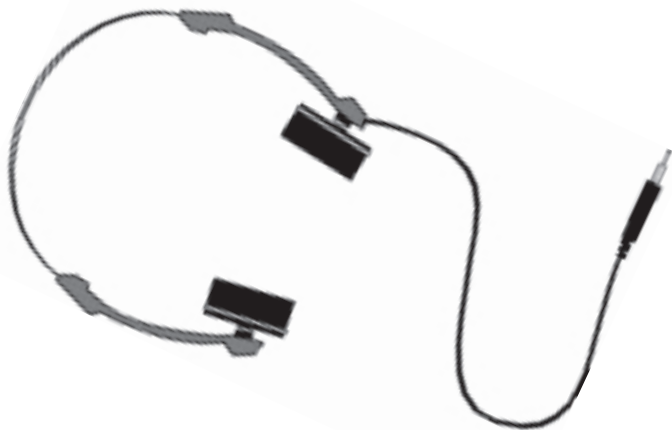
## Abril - 2000:

28<sup>th</sup> through 30<sup>th</sup>: *Research Models in Translation Studies*, Manchester, United Kingdom. The three-day Conference will host plenary lectures, papers, panel discussions and poster presentations. For info contact [maeve@cd.umist.ac.uk](mailto:maeve@cd.umist.ac.uk).

## Suggestion Box for Interpreters

J Henry Phillips

[jhenryp@ibm.net](mailto:jhenryp@ibm.net)



Regarding conference presenters who read prepared statements at 400 words per minute: I have a possible solution. Toss an old thermal fax machine in with the other equipment, no phone line necessary. With such a machine in the room the interpreter can discreetly and politely ask the presenters for copies of their papers immediately before their presentations, such copies to be made on the spot so that the material is right there in front of them the whole time—no danger of anything getting lost in the shuffle. Naturally they can have the copies once the interpreter has finished using them. I honestly believe this is a good, cheap solution to what is perhaps the greatest difficulty facing conference interpreters. Please let me know your thoughts.

# A Interpretação Judiciária – Parte I

Lourdes Norton

LNorton1@compuserve.com

(Adaptado da apresentação no encontro da Primavera em Nova Orleans, maio de 99).

Esta modalidade de interpretação difere um pouco das outras por ser extremamente técnica e possuir um protocolo *sui generis*. Aqui é vital a fluência nas duas línguas com as quais se vai trabalhar, mas é igualmente importante conhecer o vocabulário especializado, que possui muitas armadilhas, no nosso caso, pelo fato dos sistemas legais serem diferentes e nem sempre haver a equivalência dos termos. É importante também o conhecimento do sistema judiciário americano e suas peculiaridades.

Partindo do pressuposto de que alguns de vocês ainda não tentaram esta modalidade, vejamos o que deve ser analisado para determinar se este tipo de trabalho lhes convém.

Para interpretar judicialmente também se faz indispensável o conhecimento de termos jurídicos e procedimentos judiciais (municipais, estaduais e federais) que vão determinar até a modalidade de interpretação a ser utilizada (simultânea, consecutiva ou “*sight translation*”). Analisaremos estas modalidades mais adiante.

É muito importante que antes de começar a trabalhar como intérprete, a pessoa entenda as peculiaridades do sistema jurídico do país e domine o vocabulário específico inerente ao mesmo. Alguns estados como o Oregon, New Jersey, Arizona e Califórnia já possuem seminários de orientação para intérpretes potenciais e o comparecimento aos mesmos é pré-requisito para que possam vir a fazer a prova de credenciamento e trabalhar naquela jurisdição. A cada dia vemos crescer o número de estados que começam a testar os intérpretes antes de permitir que participem desses procedimentos. Infelizmente a nossa língua não consta da maior parte das provas efetuada pelos tribunais, pelo simples fato da procura ser relativamente pequena (salvo em algumas regiões do país).

Em muitos estados já existem provas para testar se as pessoas estão capacitadas a trabalhar dentro do sistema judiciário. Falo em termos abrangentes porque estamos discutindo aqui não somente a interpretação que ocorre nos tribunais e delegacias, mas também os depoimentos tomados fora dos tribunais em escritórios de advocacia ou repartições (*depositions*) constituindo também parte do processo judicial.

Os estados que não contam com seu próprio sistema de avaliação normalmente aceitam o credenciamento de um outro estado. No meu caso, por exemplo, a Pensilvânia não possui prova de português, mas Nova Jersey sim. Quando me é solicitado, explico que passei na prova de português do estado de Nova Jersey.

Estes procedimentos de seleção são muito importantes porque é possível imaginar as atrocidades que aconteciam e ainda acontecem, quando qualquer pessoa conhecedora de determinada língua (fluyente ou não) era ou é chamada a interpretar na ausência de um intérprete profissional. Esta situação se agrava quanto mais importante o procedimento judicial é.

Para atuar num depoimento, precisa-se de bem menos conhecimento do sistema judiciário do que num julgamento ou em audiências nos tribunais federais e estaduais onde, por exemplo, o réu deva declarar-se culpado ou inocente. Os depoimentos, salvo exceções, visam a prestar os esclarecimentos iniciais sobre o caso e constam geralmente de perguntas bem mais simples. Podem durar de quinze minutos a algumas horas enquanto os julgamentos podem durar

semanas ou meses.

Recomendo aos colegas que procurem conhecer ao máximo sobre o que vão interpretar ANTES do procedimento. Em termos práticos isso nem sempre é possível, pois algumas vezes se é chamado no último instante ou as agências de tradução raramente se preocupam em obter maiores detalhes para auxiliar o intérprete. Tenho como regra chegar sempre antes da hora marcada e procurar obter informações com o *court clerk*, promotor ou defensor (conforme o caso) ou os advogados.

Uma das primeiras dificuldades que o intérprete encontra é a falta de compreensão das pessoas monolíngues que acreditam existir sempre uma equivalência palavra por palavra entre as línguas e tudo o que se tem a fazer é achar a palavra adequada e encaixá-la. O fato é que a equivalência entre idiomas raramente existe, o que significa que a exatidão da interpretação não é simplesmente uma questão de certo ou errado, mas diz respeito diretamente à escolha de palavras por parte do intérprete. Uma interpretação correta varia de adequada a brilhante dependendo de quanto o intérprete é capaz de captar as nuances, estilo e atitude do interpretado. Isso se torna bastante difícil, nesse caso, uma vez que o intérprete aprende que a interpretação judiciária deve ser a mais próxima possível do que foi dito, sem omissões ou adições.

A Dra. Roseann Gonzalez, Diretora do Projeto de Credenciamento de Intérpretes Federais, afirmou que: “para manter a equivalência judicial o intérprete precisa interpretar o material recebido sem editar, resumir, omitir ou acrescentar nada, mantendo o nível de linguagem, estilo, entonação e intenção da pessoa de expressar o que se pode chamar de “equivalência judicial da mensagem original.” A equivalência judicial, portanto, requer a “conservação” do estilo da fala. Por que isso é tão importante?

Desde o princípio de um procedimento judicial o juiz deve determinar a veracidade do depoimento de uma testemunha com base na impressão que esta lhe transmite através do seu modo de falar. A verdadeira mensagem está na forma com que algo é expresso e não necessariamente naquilo que foi dito. O estilo da mensagem é tão importante quanto o seu conteúdo.

Este conceito de “conservação” consiste em o intérprete ser capaz de reproduzir fielmente a forma e conteúdo linguístico do discurso incluindo todas as pausas, auto-correções, hesitações e emoção expressos pelo tom de voz, escolha das palavras e entonação. Quando a interpretação é inadequada, os participantes podem não entender o que está acontecendo, as informações que o juiz e júri recebem podem estar distorcidas ou seriamente modificadas. Quando a interpretação é falha é como se as pessoas que falam inglês e os falantes do outro idioma não estivessem participando do mesmo procedimento judicial.

Quando assisti ao *workshop* oferecido pelo Estado de New Jersey, muitos anos atrás, a instrutora nos disse que o objetivo do intérprete é passar a mensagem exatamente como ela foi recebida, fazendo com que a pessoa estrangeira participando



do procedimento ficasse em pé de igualdade com todas aquelas que entendessem inglês. Portanto, quando a pessoa cometesse um erro, nós teríamos também que cometer erro equiivalente, no outro idioma. Sempre tive a maior dificuldade em fazer isso. Antes e depois de ser advogada fui professora de inglês como segunda língua, bastante treinada para corrigir erros. Isto é uma coisa que o bom tradutor/editor também faz naturalmente e exigiu de mim muita disciplina e força de vontade para chegar perto de poder cumprir este requisito.

Embora haja colegas que sejam contra este posicionamento, entendo a importância para o sistema de manter as mensagens originais. O papel do intérprete não é o de corrigir ou ensinar. Mesmo quando percebemos claramente que houve um erro do advogado ou da testemunha, que durante todo o procedimento havia se referido ao ano do acontecido como 89 e de repente solta um 79. Ainda que o intérprete saiba que a pessoa deveria ter dito 89, tem que repetir o que escutou, não lhe cabendo chamar a atenção para o erro ou mesmo corrigi-lo.

Não devemos acrescentar nada nem mesmo para facilitar a compreensão da mensagem. O papel do intérprete não é fazer com o que foi dito pareça mais claro ou lógico. Devemos ter muito cuidado na escolha das palavras enquanto conservando o estilo de quem fala. Quando ouvimos: "Diga ao júri exatamente como isso aconteceu!", não seria certo dizer: "Você poderia dizer ao júri exatamente como isso aconteceu?". Qual é a diferença? Vocês percebem como a segunda frase soa bem mais gentil, apesar das palavras usadas serem quase idênticas. A diferença, neste caso, está no fato de que o advogado propositadamente havia sido brusco para intimidar a testemunha. Se o intérprete usasse a segunda frase estaria "suavizando" o discurso e prejudicando a intenção do advogado.

Da mesma forma que devemos nos ater ao que foi dito, não é nossa função fazer conversões de peso, altura e distância entre os diferentes sistemas. Cabe aos advogados, se esse cálculo for relevante para o processo, solicitar peritos que possam efetuar tais cálculos. A nós cabe somente traduzir o que foi dito mantendo a unidade de medida original. Por exemplo, "Creio que o homem pesava cerca de 90 quilos", ficaria: "I believe the man weighed approximately 90 kilos."

(A última parte desta apresentação será publicada na próxima edição.)

*Lourdes Norton é advogada, intérprete judicial e de conferências, tradutora e professora radicada em Filadélfia desde 1987. Foi a segunda administradora da PLD sendo atualmente conselheira da DVTA, membro ativo da NAJIT e da Divisão de Interpretação da ATA.*

## Dicas sobre o Word

*Thelma Sabim  
tsabim@mediaone.net*

Aqui estão algumas dicas sobre o Word apresentadas na Conferência da ATA em Hilton Head. Para ver mais dicas, visite minha homepage [www.tls-translations.micronetix.com](http://www.tls-translations.micronetix.com).

Para ativar temporariamente o AutoScroll para um documento (veja artigo nesta edição "O ergonomicamente correto"):

1 - Abra um documento no Word. Selecione Tools, Macro, Macros.

2 - Na caixa Macros In, selecione Word commands e escolha AutoScroll na lista Macro name.

3 - Para controlar a velocidade da rolagem, posicione a ampulheta sobre a barra da margem direita. Quanto mais longe a ampulheta ficar do meio da barra, mais rápida será a rolagem. Para desativar, clique no botão direito do mouse.

Este recurso pode ser atribuído ao teclado, ou colocado na barra de ferramentas (minha opção).

Para colocar o comando na barra de ferramentas:

1 - Selecione Tools, Customize e clique na guia Commands.

2 - Selecione All commands na caixa da esquerda e AutoScroll na caixa da direita.

Arraste e solte o comando na barra de ferramentas.

Para usar o AutoScroll na barra de ferramentas:

1 - Abra um documento no Word.

2 - Clique em AutoScroll na barra de ferramentas.

Para desativar a rolagem, basta clicar no botão direito do mouse.

Para designar um ícone para o Auto Scroll:

1 - Clique em Tools, Customize.

Com a caixa Customize aberta (será necessário deslocá-la para o lado), clique com o botão direito do mouse no AutoScroll da barra de ferramentas.

2 - Selecione a opção Change button e clique no ícone de sua escolha.

Para excluir o texto e manter apenas o ícone, clique com o botão direito do mouse em AutoScroll que você arrastou para a barra de ferramentas e selecione Default Style.

Para retirar o AutoScroll da barra de ferramentas, mantenha pressionada a tecla ALT e arraste o ícone para fora da barra.



## What's in a Language?

*Carlos Falcão*  
*BrasTrans@aol.com*

While Portugal seems to remain hibernated — and happy — throughout the past few centuries, and Brazil — despite its unbalances and internal problems —, jumps to world's 8<sup>th</sup> economic power, a question pops up: what will happen to our common language?

In Europe, flanked by English and French superpowers and enjoying its long sought after share in the EMC, Portugal seems to rest in peace. Its waiters, who provide some of the best, if not the best service in the world, are required to attend a 3-year full-time training course and develop fluency in 2 foreign idioms to work in any restaurant from 3 stars upwards. To serve mostly its German, Scandinavian and Northern European clientele.

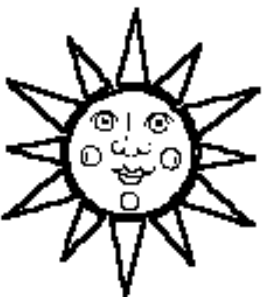
In Latin America, Brazil faces a different though equally challenging dilemma. Take Mercosur, for instance, and the problem starts right on its Spanish acronym now widely accepted in Brazil, in lieu of the Portuguese Mercosul, buried a few years ago. Brazilian commands nearly 70% of the total output and trade in this 4-nation market along with Argentina, Paraguay, Uruguay and Chile. Notwithstanding, the demand for Spanish is greater than for Brazilian Portuguese in the bilateral or multilateral negotiations. There is a heavy trend to accept Spanish as the metalanguage in the Mercosur trade arena.

Brazil has half the population and double the output of all South America combined. The Gross Domestic Product of the State of São Paulo alone is larger than Mexico's. Brazil has some of the world's top quality universities, albeit its executives still seek degrees abroad so as to be recognized by professional circles at home.

Over half of the import-export trade of the State of Florida is made with Brazil. Brazil's economic recession in the first quarter of 1999 caused a loss of 5,000 permanent jobs in South Florida alone, as reported by the Miami Herald.

LatPro, a reputable multinational Web Site specialized in recruitment of Portuguese and Spanish professionals in the US and Latin America has now (7/28/99) 1,157 professional job openings for Portuguese and/or Spanish bilinguals in the US, as follows:

	<b>Spanish Required</b>	<b>Portuguese Required</b>
Administration	36	6
Advertising	13	1
Consulting Services	34	17
Creative Services	28	7
Customer Services	62	11
Education	16	1
Engineer - Hardware	19	4
Engineer - Other	112	32
Entry Level	27	3
Finance & Accounting	105	23
Health Care	37	—
Human Resources	42	6
Legal	4	3
Management - Director	33	5
Manager - General	51	13
Management- IT/MIS	68	16
Management - Senior	23	8
Non Profit	8	1
Operations - Logistics	17	5
Operations - Manufacturing	42	6
Operations - Purchasing	9	—
Operations - Quality	15	1
Professional	21	2
Public Relations	7	1
Sales	122	34
<b>Total</b>	<b>951</b>	<b>206</b>



LatPro reports a total of **204** professional jobs now available in **11** Latin American nations, **65** (58%) of which are located in Brazil alone. Now, if we examine the language requirements for such jobs in each country, we will see that the scenario gets really interesting:

COUNTRY:	LANGUAGE REQUIREMENTS			
	Spanish Only	Portuguese Only	Spanish &/or Portuguese	
Argentina	12(100%)	8(67%)	-0-	4(33%)
<b>BRAZIL</b>	65(100%)	12 ( 18%)	8(12%)	45(70%)
Chile	3(100%)	1(33%)	-0-	2(67%)
Colombia	1(100%)	-0-	-0-	1(100%)
Costa Rica	1(100%)	1(100%)	-0-	-0-
D. Republic	1(100%)	1(100%)	-0-	-0-
Guatemala	2(100%)	2(100%)	-0-	-0-
Mexico	94(100%)	92(98%)	-0-	2
Nicaragua	1(100%)	1(100%)	-0-	-0-
Peru	10(100%)	9(90%)	-0-	1(10%)
Venezuela	12(100%)	10(83%)	-0-	2(17%)
<b>TOTAL -</b>	<b>204(100%)</b>	<b>139(68%)</b>	<b>8(*)</b>	<b>57(28%)</b>

(\*) - less than 1%

What the table above shows is that, in theory, the monolingual Brazilian graduate now looking for a job is in deep trouble wherever he goes: he gets less than 1% chance in the overall LA job market and only 12% in his own country where he can fair much better if he speaks Spanish only (18%). LatPro has recently expanded to include jobs in Spain although there has been none for Portugal as yet. I realize that this sample is strongly biased and by no means fully representative of the Brazilian/Portuguese universe — not to mention other areas where this language is spoken — but I believe there is a strong trend in that direction.

When I read the last PLD report with similar facts and figures on my mind, I asked myself — and Vera Abreu, later on — whether we are now dealing as the last Mohicans of a language that is bound to fall in disuse and disappear on Earth in a not so distant future.

If you have any pertinent information, comments, questions, suggestions or ideas about this or any other point you may think of interest to the PLD community, please e-mail to [veraa@mindspring.com](mailto:veraa@mindspring.com) or to me at [cpfalcao@aol.com](mailto:cpfalcao@aol.com). Let's get together. Let's talk. Thanks. Obrigado.

*Carlos Falcão tem dupla cidadania brasileira/estadunidense. É tradutor, redator e revisor de Publicidade, Marketing e Economia em Miami, nos EUA.*



PL Fun



**Time to vote again:**

It is time to elect a world leader, and your vote counts. Here's the scoop on the three leading candidates.

*Candidate A:* associates with ward healers and consults with astrologists. He's had two mistresses. He chain smokes and drinks 8 to 10 martinis a day.

*Candidate B:* was kicked out of office twice, sleeps until noon, used opium in college and drinks a quart of brandy every evening.

*Candidate C:* is a decorated war hero. He's a vegetarian, doesn't smoke, drinks an occasional beer and hasn't had any illicit affairs.

Which of these candidates is your choice?

Answers:  
Candidate A is Franklin D. Roosevelt  
Candidate B is Winston Churchill  
Candidate C is Adolph Hitler  
Kind of scary...

## Diretas já!



As eleições para os cargos  
da Administração da Divisão  
de Português estão chegando...

Os novos administradores ficarão nos cargos  
por dois anos. Quem são os candidatos?  
Você receberá todas as instruções e as cédulas  
de votação pelo correio.

Setembro promete! Vote – participe!



Vera Abreu, Editora  
1722 Lobelia Lane  
San Jose, CA 95124-6416  
USA

*FIRST CLASS MAIL*